N.º 95 Ovar, 8 de Março de 1908 Anno II

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A FRANÇA SOB O GOVERNO DE THIERS

V

Livre do imperio, um governo artificial, a nação revelava a sua grande fé democratica, e então, sonhando com a republica conservadora, republica sem republicanos, para que tomou parte em todas as arbitrariedades, leis, e medidas reaccionarias de uma assembleia illegitima em vez de a desfazer e governar mais digna e seguramente com o partido que era verdadeira expressão politica da França?

O que d'ahi resultou foi outra situação violenta, que não sei como os republicanos a venceram sem que a revolução ensanguentasse mais uma vez aquelle paiz.

VI

Eis ahi summariados os factos que servem de base ás nossas apreciações: veja-se por elles a que se reduz a decantada sujeição da assembleia a Thiers, pela qual se media e exaltava a sua influencia moral, e se lhe attribuia uma superioridade irresistivel.

A' vista de um tal proceder é ridiculo acreditar em que sejam sinceras essas manifestações dos republicanos em louvor de quem tanto os reprimiu e atraiçoou.

Ha muito que rebater na fama d'esse homem intelligente e habil, discursador infatigavel sobre tudo, mas não de um espirito profundo; politico versatil que desertou de todos os governos e situações, orador que não attingiu a grande eloquencia, cujos discursos variam a sabôr da popularidade do momento, e que não impressionava nem convencia, mas sabia prender a attenção de uma assembleia e a atordoava com uma corrente de razões especiosas; historiador superficial, sceptico, ou fatalista, que nos seus livros do—Consulado e do Imperio—glortficou a tyrannia em Bonaparte para vergonha da França liberal e do seculo XIX; d'esse estadista, finalmente, cuja verdadeira convicção era a força e a verdadeira sciencia a tactica dos parlamentos.

Ora como entre nós é ainda a auctoridade, e não as as analyses e argumentos o que mais decisivo podemos invocar em nosso abono, citaremos algumas passagens de escriptores francezes, cujas affirmações acertam pelas nossas, do que nos applaudimos: ninguem duvidará de que á face dos acontecimentos, mais informados, e zelosos das glorias de seu paiz são os que mais justa e rigorosamente devem apreciar essa dolorosa epoca da sua historia.

Começamos pelo livro de Emilio Second, intitulado a—Decadencia de um povo.

VII

A pagina 22 lê-se:

«Era-nos preciso um homem energico. um espirito recto e firme, com ideias de progresso, dedicado, e nós temos um homem sem aspirações generosas, de um senso estreito, cheio de pequenas vaidades, com ideias atrasadas, e que só comprehende a republica da qual seja o chefe, que para suster-se no poder, animou em todos os partidos a esperança de succeder-lhe, trata o governo como uma propriedade sua, e goza-o como bem lhe parece: é um velho sem as qualidades e com todos os defeitos da velhice, a quem as lições do passado não corrigem, e que ha-de perder, como outr'ora, todos os governos a que se ligar: encontramol-o em 1872 com as mesmas ideias que em 1830.

«Caracter absoluto, não abandona um só dos seus prejuisos, e em nada cederá ao espirito do seculo: não admitte o serviço militar como um dever de todos os cidadãos, não quer a instrucção obrigatoria e gratuita, não quer nenhumas reformas, nenhum progresso.

«Todos os movimentos, que as miserias do proletariado provocam, as revoluções mais justificaveis, não lhe inspiram senão terror ou despreso: é José Prudhome, educado por Talleyrand, tendo aprendido a arte de governar em Machiavelli.

«Animado e sustentado pela opinião publica, não sabe ser Washington. E' um *roué*, um bosco da tribuna como lhe chamava Cormenin. Só quer ser *elle* e afinal não passará de um Monk involuntario.

«Não se entregando a facção alguma, crê ser um fino politico, e não sente que é joguete dos monarchicos, a que tudo concede: não vê que cedo ou tarde será derrubado com o labeu de trahir todas as causas, e de se manter no governo por manobras indignas de um estadista: réu de todas as medidas pelas quaes a assembléa rouba á França as suas liberdades, representa uma comedia em que já trez vezes fugiu demittir-se, não para obter votações uteis á republica, mas lastimaveis, como o serviço por cinco annos no exercito, e o imposto sobre as materias primas.»

Lê-se a pagina 34.

«Se alguns membros da esquerda não se enganavam com os intuitos do chefe, não acontecia o mesmo a outros que tomaram a franqueza pela moderação e lhe criaram uma popularidade de que abusou e da qual é já tarde agora para se arrependerem. Aquelles seguiram os moderados para não desunirem o partido e conterem os timidos e os indicisos, mas essas machinações parlamentares improprias de uma politica seria não deviam consentil-as, nem cahir nas contradicções do apoio, que davam a Thiers, permittindo-lhe fazer leis como só a mais despotica monarchia pode sonhal-as.»

(*Continua*)

Lourenço d'Almeida Medeiros.

AO SNR. THEOPHILO BRAGA

Emprazo o snr. Theophilo mais uma vez, a que apresente o famoso n.º 4.º dos *Bardos publicados e distribuidos* em 1852 (e dois), pelo qual diz que *está provada a falsidade* da minha imputação a Soares de Passos.

O snr. professor cita-o como se o tivesse diante dos olhos, ora como nunca lá viu, nem podia ver o *Noivado do Sepulchro*, o que está provado é que o cita falsamente.

Assim a edição de 1854 não é authentica — e consideral-a como tal sem provas, sem que ella tenha signaes ou caracteres rigorosos da sua authenticidade, é uma inepcia.

E o dizer-me, que procedeu com toda a segurança, mostra a sua falta de senso; que o diga a um outro, vá, mas a mim, que tendo composto a ballada em 1853, só a communiquei a Soares de Passos em 1854 (assim como o *Firmamento),* e sei de um modo infaliivel, que a edição de 54 não é authentica, antes é pelo contrario o documento da fraude (o que já expliquei) faz-me duvidar de toda a sua critica de papeis.

E as razões sufficientes de que sou o auctor do *Noivado* o confirmam.

O snr. professor desde 1871 em que no Porto conversamos sobre o abuso de confiança do snr. Passos, (e então me declarou, que já *notara* não ser o *Firmamento* d'aquelle plagiario impudentissimo) teve muito tempo para averiguar a verdade, e nada averiguou.

Citei-lhe Silva Ferraz como testemunha presencial da minha recitação do *Firmamento* e do *Noivado* a Soares de Passos n'uma noite em Coimbra—Silva Ferraz era professor no Lyceu de Lisboa, e viveu até 1875.

O snr. Theophilo sabia quem foram os fundadores do Bardo — e a ninguem consultou.

Do *Noivado*, posto, em musica, logo que appareceu, e cantado por toda a parte, em Portugal e no Brazil, ninguem soube, senão depois de 1854—nem os commensaes de Soares de Passos em Coimbra —consulte-se o snr. arcebispo D. Antonio Ayres de Gouveia, que era um d'elles em 1852, 53, e 54.

D'animo leve me atira uma calumnia, que me infama, e portanto ou o snr. professor dentro em seis mezes apresenta o famoso n.º 4.º dos Bardos de 52, (e dois) ou eu procederei como compete á minha dignidade offendida.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

A ALLIANÇA INGLESA

VIII

«Quero tomar posse d'esta parte dos dominios portuguezes, que não reconhecerá senão a soberania de sua magestade D. Maria II diz Saldanha.

«O sangue dos mais antigos alliados de sua magestade el rei de Inglaterra acaba de ser derramado, pois que foi morto um soldado, e ferido gravemente outro! dentro d'este brigue. Pois bem, que torne ainda a correr o sangue Vós podeis assestar contra nós a vossa artilharia; podeis-nos metter a pique, mas tende a certeza de que emquanto eu gosar das minhas faculdades. ou não fôr feito prisioneiro (notae bem, senhor, que este facto succede sob as baterias da Praia!) empregarei todos os esforços possiveis, para cumprir com o meu imperioso dever.

«Permitti que vos lembre, senhor, que descarregastes a vossa artilharia contra seiscentos portuguêses desarmados a bordo de transportes inglêses e russos. A Europa, vossa patria tambem, ainda ficará mais assombrada que os proprios subditos de sua magestade fidelissima.

«Permitti mais que vos faça notar que nós não vimos atacar ninguem, nem commetter aggressão alguma. Completamente desarmados, vimos reunir-nos aos nossos irmãos sobre uma terra que tem reconhecido constantemente a auctoridade legitima da rainha, minha soberana. Tambem vos devo declarar que não temos mantimentos, e que ainda mesmo que o meu dever me não obrigasse a protestar contra o vosso procedimento, não deixariamos de ser obrigados a acceitar soccorros. Possuís portanto duas armas invensiveis para nos destruir.

«O mundo verá com horror o vosso comportamento, e os portuguêses darão testemunho, com dôr profunda, do acto que dirigis contra elles, dos meios que empregaes para a sua destruição, sem motivos nem aggravos, no remanso da paz, e na propria occasião em que sua magestade fidelissima acaba de ser recebida em Windsor-Castle por el-rei Jorge IV, na qualidade de soberana legitima de Portugal. E' em taes circumstancias que voltaes contra nós as mesmas armas que tantas vezes combaterem ao lado das nossas o inimigo commum, em tantas batalha gloriosas!

«Qualquer que seja a vossa resolução, ficae certo que eu vou lavrar um protesto solemne, que virá a ser publicado por aquelles que me sobreviverem.—*Conde de Saldanha*».

Em resposta a este officio Walpole renovou por duas vezes a intimação, verbalmente, a Saldanha para que se retirasse das immediações da ilha Terceira e dos Açores. Saldanha ainda retorquiu com mais officios declarando que, se devia considerar simplesmente prisioneiro de guerra de Walpole, nada mais lhe cumpria de que submetter-se, esperando que o commodoro o conduzisse e aos seus para onde lhe apronvesse; porém, se o mesmo commodoro o não fizera prisioneiro, nada o demoveria de executar as instruções que trazia do seu governo.

A isto respondeu simplesmente a metralha dos canhões inglêses e um ultimo officio de Walpole em que este declarava sem mais preambulos que se Saldanha persistia em se demorar naquellas aguas, era dever seu pôr em execução os meios coercitivos.

Resistir ás ordens do almirante inglês em taes circunstancias era um sacrificio absolutamente inutil. Saldanha levantou ferro e fez-se ao largo, seguido pelas fragatas inglêsas que lhe serviram de escolta, até á altura do cabo Finisterra, aonde Walpole deixou os transportes em liberdade. Durante a viagem ainda os navios inglêses tiveram occasião de disparar sobre as embarcações de Saldanha, por julgarem que es-

PROVAS D'AMOR

Eu exigi da minha namorada
Como prova do seu amor por mim,
Um beijo dos seus labios de carmin
E uma entrevista ao vir da Madrugada.

Riu-se d'esta exigencia estravagante
A minha loira e divinal creança,
E por fim accedeu hilariante
Por terno meu Amor toda esperança.

Olhou o azul e disse-me sorrindo.
O meu amor, nasceu de poesia:
Como prova do teu amor infindo
Escreve-me uma carta cada dia.

Povoa de Lanhoso.

Albino Bastos.

RELIGIO AMOROSO

Eu fiz do peito um sacrario
Do coração um altar,
Das tuas fallas rosario
Para a minh'Alma resar.

Na egreja da consciencia
E's a santa da Esperança
Coração de fina essencia
Arca da minh'Alliança.

Teus olhos, hostias de luz,
Teus risos, calix de graça,
Andorinha que esvoaça
Vem dar-me beijos a flux.

Povoa de Lanhoso.

Albino Bastos.

tas pretendiam mudar de rumo quando arriavam joanetes para prevenir desastres (1). Tal era o zêlo do almirante inglês no cumprimento das suas zelosissimas instrucções!

Saldanha, livre de Walpole, já não quiz voltar a Inglaterra dirigiu-se a Brest, aonde os emigrados foram recebidos com a mais extrema sympathia, pois estava então no seu auge a revolução liberal dirigida por Lafayette contra a realeza bourbonica.

O inaudito procedimento do governo inglês com relação aos liberaes portuguêses acordou na Europa a maior indignação. No parlamento francês as vozes mais preponderantes protestaram com vehemencia contra o acto de Walpole, e é curioso que na propria Inglaterra não foi onde o facto causou menor e menos ruidosa indignação. Porém, desconsolador é frisar que jámais a politica inglêsa se desviou um apice do systema egoista qne a inspira por qualquer consideração sentimentalista da opinião publica.

A opinião publica inglêsa quando accaso se deixa dominar por esse sentimentalismo, que faz toda a grandeza de alma e toda a poesia cavalleirosa e heroica dos povos meridionaes, jámais actua sobre a marcha implacavelmente fria e prosaica dos seus governos. Mesmo porque é nuvem leve que passa. Após ella vem a reflecção fria que faz considerar a razão dos factos, O sentimento é força que póde, por um instante, dominar na alma d'um inglês mas nunca conquista-la. E por isso que na historia do povo britannico se póde encontrar sempre um Wellington, e nunca um Cambronne; nessa historia em que ha dois incomensuraveis borrões inapagaveis: a cruel repressão dos indios e a conquista dos boers—dois factos contra os quaes se pronunciou num momento a consciencia inglêsa, mas que nem por isso deixaram de se consumar na historia.

Por esse tempo, entretanto, causas diversas concorriam num sentido favoravel á causa liberal.

D. Pedro, forçado por motivos politicos a abdicar a corôa imperial e a abandonar o Brazil, vinha com a filha para a Europa, disposto a liquidar a questão portuguésa. Aportou a Inglaterra ao tempo em que o partido *whig* (liberal) subia ao poder com Palmerston por chefe do gabinete. Esta modificação ministerial em Inglaterra sem trazer á causa liberal portuguêsa um apoio decidido, pois que Palmerston—fiel ao espirito da politica externa inglesa—adoptou logo a attitude espectante, a ver quem afinal vencia, para não comprometter os interesses britannicos declarando-se por um ou outro partido, teve pelo menos, como consequencia imme diata, o cessar a hostilidade que, por parte da Inglaterra, se vinha exercendo sob a vigencia do ministerio Wellington contra ella e a favor de D. Miguel.

A revolução de julho em França veio tambem o mais opportunamente que era possivel, pois o governo de Carlos X estava a ponto de reconhecer a legitimidade do miguelista, ao qual estava dispensado tambem grandes favores.

Além d'isso o conde de Villa-Flor, mais feliz que Saldanha, conseguira aportar á ilha Terceira com um nucleo de emigrados, e apoderar-se de quasi todas as ilhas dos Açores, e recrutando, organisar o nucleo do futuro exercito do Mindello.

(Continua)

Affonso Ferreira.

(1) Oficio de Saldanha a Walpole, de 17 de janeiro, no alto mar. Vol. 54.º, N.º 7 —*Julho de 1907.*

O SANFONA

—

Com as ultimas tempestades politicas, desafinou de todo.

Corta o coração, vel-o chorar a sua infelicidade.

Já não tem o dinheiro da camara, á sua ordem, pois desappareceu a *Commixão*; já não póde dirigir o partido dos *thalassas*, visto este ter liquidado com a deserção do chefe.

Queria *herdeiros ricos* para explorar; queria *automoveis* para passeiar.

Tudo, o que a sua ambição desmedida lhe apresenta em sonhos, lhe foge.

E' a força do destino, diz *sanfona*, que o persegue.

Mais uma, illusão.

Não é o destino que lhe faz mal, mas sim o perfeito conhecimento que *todos* têm das suas manhas velhas.

Diz a sabedoria das Nações, que «gato escaldado de agua fria tem medo.»

E não são, só, os gatos, que baseiam a sua norma de proceder na experiencia, tambem o povo de Ovar assim procede; e este tem maior razão de ter medo, porque não foi escaldado com agua fria, mas sim com agua quente de temperatura superior a 100 graos.

Essa escaldadella, que o povo apanhou, não lhe levou, simplesmente o couro e cabello, levou-lhe tambem, parte da vida, porque lhe arrepanhou o dinheiro; e este é sangue, e o sangue é vida, como se diz.

E infelizmente a maquia foi de tal ordem, que nunca mais póde esquecer.

Apezar d'isso o *sanfona* presume, que o tempo tudo esquece, e assim, de vez em quando, ainda tenta novas proezas, mas, immediatamente, soffre a desillusão, de que a sua ominosa memoria está bem viva e muito viva.

E' a soffreguidão desmedida do *sanfona*, que o perde por completo.

Não quer penitenciar-se como o chefe dos *thalassas* e seu chefe de mezes homisiando-se e penitenciando-se.

Não se quer conformar com o ostracismo.

E' um infeliz e grande, porque não pode supportar as suas desgraças.

Como desappareceram os *thalassas*, e *elle* não póde reduzir-se a mandar no seu grupo, infinitamente, pequeno, metteu-se-lhe na cabeça querer dirigir, á ultima hora, o partido regenerador local.

E para isso lembrou-se de amesquinhar e censurar o chefe local, accusando-o de factos, dos quaes elle não tem responsabilidade alguma.

Queria o *sanfôna* ter uma auctoridade administrativa, que lhe agradasse, mas como não conseguiu a realisação da sua vontade, atirou-se ao chefe regenerador do concelho, agatanhando-o por o suppôr a causa do seu desgosto. Qual o fim?

Não se deixar esquecer, talvez.

NOTICIARIO

TEMPO

—

Continua imperando a *chuva*, que dignou honrar as festas do Carnaval com a sua presença.

Crêmos que *ella* é util á agricultura; mas, nós, que sempre gostámos, gostamos e gostaremos do que é *bom*, passamos por sobretudo e votamos unicamente pelo — *bom tempo*.

E votamos porque é esta a opinião das raparigas; porisso é necessario fazer-se-lhes a vontade, do contrario... *vamos adiante*.

Queremos, portanto, que a chuva seja immediatamente, substituida pelo sol brilhante, pelo tempo amoroso da primavera, afim de as raparigas e nós podermos gozar as festas da Quaresma.

Digam, agora, as meninas se sómos amiguinhos ou não?...

Ora venha de lá essa beijoca!...

PESCA

—

Durante a semana finda, não houve trabalho de pesca, na costa do Furadouro, em virtude do estado de agitação do mar.

No dia 10 faz a lua «*quarto crescente*».

Esta lua veio teimosa como um carneiro, o que talvez influa bastante para que uns individuos, d'esta villa, andem ás turras.

Vamos apreciando o enredo da peça, até ao final, que, pelo que se vae vendo, deve ser interessantissimo.

ADMINISTRADORES DO CONCELHO

—

Acabam de ser nomeados os nossos prezados amigos srs :

Aveiro, dr. Amadeu Tavares da Silva, effectivo e Alexandre José Correia, substituto; Albergaria, dr. Carlos Luiz Ferreira; Estarreja, dr. José Luciano de Castro Pires Côrte-Real; Feira, dr. Gaspar Alves Moreira; Arouca, Alberto Brandão; Macieira de Cambra, dr. Joaquim de Seixas; Ovar, dr. José Ferreira Marcelino; Oliveira d'Azemeis, dr Daniel Ribeiro; Ilhavo, Pedro de Carvalho, transferido da Mealhada; Mealhada, Francisco Lopes de Moraes.

A todos, os nossos cordeaes parabens.

JURAMENTO DO NOVO REI

—

O juramento do rei D. Manoel II, no parlamento, só terá logar depois da constituição das camaras legislativas.

Procissão de Terceiros

—

Se o tempo o permittir, terá logar, no proximo domingo, a imponente procissão da Ordem Terceira de S. Francisco, d'esta villa, a qual sahirá da egreja matriz pelas trez horas da tarde.

Fizeram-se alguns melhoramentos nos adornos dos andores, sobresahindo, entre elles, os do andor de S.ta Izabel de Hungria e uma estola, bordada a ouro, de S.to Ivo.

Para maior brilhantismo se dar ao prestito religioso, estão sendo convidados, pelo definitorio respectivo, os irmãos de maior representação.

E' orador o Rev.mo P.e Antonio Dias Borges e assiste a «Banda dos Bombeiros Voluntarios».

E' de esperar grande concorrencia.

—Na proxima sexta-feira começam na capella de N. S.a da Graça, e pelas quatro horas da tarde, as praticas quaresmaes feitas a expensas da Ordem Terceira, as quaes se acham a cargo do referido orador P.e Borges.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

Por

GEORGE SAND

Lançando para traz a sua cabelleira, que o affrontava, cahiu-lhe uma pequena flor—era um cyclaman branco. Como se tinha ella destacado e prendido aos seus cabellos?

Nada havia de que se admirar: o sitio onde trabalhou, lidou, passou e repassou cem vezes estava coberto de numerosas e variadas flores.

Miguel não se lembrava d'isso, mas só de que a princeza trazia na mão um bouquet de cyclamanes, no momento em que se inclinou para lha beijar.

Levou aos labios esta flor, que exalava enebriante odor, e descançando a fronte entre as mãos, pareceu-lhe que enlouquecia.

IX

Mila

Dois eram os motivos da ancia que torturava o nosso joven pintor: uma especie de louco ciume, que d'elle acabava de se apoderar, como um accesso febril, a proposito da princeza; e o receio das suas pinturas não merecerem os applausos d'esta nobre dama. Sabemos que não era o amor do dinheiro, o desejo de ser mais ou menos liberalmente pago, que assim o inquietava.

Emquanto a febre da producção o distraira mui pouco se importou com a sua opinião sómente tratava de bem desempenhar a sua tarefa, contentar a si mesmo. Depois, vendo-se quasi victorioso aos seus proprios olhos e não conhecendo ainda a sua protectora, pensava a sós comsigo, mais esperançado do que duvidoso, se não haveria n'aquelle paiz muitos apreciadores d'um ensaio d'este genero.

Em summa, tão occupado esteve até á ultima hora, que ainda bem não attendera á atribulação do seu espirito.

Ao encontrar-se só, conheceu que soffria extranhamente por saber que estava prestes a ser julgado e não poder estar presente. Quem o impedia? Nada relativo a sua humilde posição na sociedade; mas uma falsa vergonha pungente, que não tinha força de vencer.

E comtudo, Miguel não era pusilanime, quer como homem, ou como artista. Apesar dos seus verdes annos, havia já refletido muito sobre as incertezas do seu futuro, e resumia d'um modo assaz laconico o capitulo dos successos e revezes ligados ao seu destino. A principio, sentindo-se desfallecer, do que se admira, procura reanimar-se, e quanto mais se interroga, mais reconhece a sua fraqueza, sem querer confessar o motivo. Dizel-o-hemos ao nosso leitor.

A sua tristeza e medo provinham de não saber qual seria o conceito da princeza. Pedro-Angelo, dissera-lhe, de manhã, que domingo viria sua alteza examinar a sala; mas como não estava presente ignorava a sua apreciação. O mordomo Barbagallo, mal disposto, pela confusão dos prepativos da festa, dera-lhe muifrias explicações. sem dizer, todavia, que a princeza parecesse descontente, ou que houvesse criticado coisa alguma. E o bom Pedro havia accrescentado, com a sua habitual confiança: «Socega, ella é conhecedora da arte. E' impossivel que não esteja satisfeita além da sua espectativa.» Miguel deixara-se embalar n'esta esperança, posto que não justificada; e comsigo mesmo dissera: ainda que a princeza não seja perita não tardarão a cercal-a bastantes que emendem o seu juizo.

E mais tarde, agora, tinha medo de toda a sociedade porque tinha medo da princeza. Tinha olhado para elle d'um modo perturbador, mas nada lhe tinha dito: nem uma palavra de louvor ou de incitamento acompanhara este olhar mais que benevolente, é verdade, mas por isso mesmo incomprehensivel. E, se se tivesse enganado sobre a expressão da sua phisonomia, se, fixando n'elle os seus bellos olhos hallucinadores, ella pensasse n'um outro, em seu amante, por exemplo, porque ella devia tel-o, pense o que pensar Magnani!

Só com esta idêa, se sentiu Miguel transido; supunha vel-a nos braços d'um feliz mortal, por quem fingia renunciar ao matrimonio. Um e outro lançariam um indifferente olhar pelas pinturas do novel artista, e sorririam, olhando-se mutuamente, como para dizer. «Que nós importa? nada é bello nada existe para nós senão nós mesmos.»

Cançado de soffrer tão loucamente, julga vencer-se e serenar tomando uma soberba resolução:

«Vou deitar-me e adormecer como um heroe, dizia comsigo, emquanto me julgam. emquanto discutem, emquanto talvez muito se alvorocem a meu respeito. Amanhã, virá meu pai despertar-me para dizer-me que obtive applausos ou censuras.

Que me importa, todavia.

Effectivamente, tão pouco se importava, que, em vez de se despir para deitar-se, se preparou para ir ao baile. Impelido por uma distracção prodigiosa, arranjou a sua cabelleira, que seria um tanto comprida demais para um patricio austero, mas emuldurava magnificamente a sua figura intelligente e apaixonada. Purificou-se com o maior cuidado de todos os vestigios do trabalho, vestiu as suas milhores roupas, e vendo-se no espelho achou-se, com razão, tão distincto como qualquer dos convidados para o baile da princeza.

Assim vestido para metter-se no leito, dirige-se á porta, e dados alguns passos na rua nota que uma singular preoccupação o levava ao palacio Palmarosa. Indignado contra si, volta para traz, despe-se, atira o facto para cima da cama, abre a janella, e fica indiciso entre o projecto heroico de se deitar e a irresistivel tentação de ir ver a festa.

As mil luzes do palacio brilhavam em sua frente, e os sons da orchestra chegavam aos seus ouvidos—as carruagens rodavam em todas as direcções, ninguem dormia na cidade nem no campo circumvisinho. Não bateram ainda nove heras e Miguel sentia poucas disposições para deitar-se. Fechou a janella e quiz pegar n'um livro; mas o cyclamen, que atirara para a meza, n'um movimento de despeito contra si proprio, foi o unico objecto em que a sua mão pegou.

Então, atravez do fino e penetrante aroma que exalava o nectario roseo d'esta pequena e linda planta, pareceu-lhe ver formarem-se imagens palpaveis e cercarem-n'o.

Mulheres, luzes, flores, cascatas, diamantes, e a tudo isto, que lhe parecia real, juntavam-se outros objectos qual n'um sonho. As bellas dansarinas antigas, que Miguel desenhara na cupula, pareciam destacarem-se da tela com languidez, e deslizarem por entre a multidão com ares sedoctores, quando lentamente passava uma dama, que só prendia a sua imaginação febril e apaixonada, parava deante d'elle, olhava-o fixamente com doce expressão e animando-se pouco a pouco acabava por enflamal-o. Via-a inclinar-se e quasi tocar-lhe a fronte; e de repente transportava-se ás suas pinturas, parecia-lhe estar outra vez em cima da sua escada, coberto de nodoas, fatigado, ancioso, e n'uma solidão que o aterrava a uma luz vacillante.

O silencio enchia as salas ermas e da sua visão apenas restava a flor cujo aroma o embriegou.

(Continúa).

Clara de Miranda.